

esta é a maior. Eu só a tem parceria.

Estou arrependido, disse.

Ainda que o padrasto bateu na

anos de reclusão.

José Paulo Lacerda/AE



FERNANDO HENRIQUE SEGURA A BANDEIRA DO ORGULHO GAY: PROJETO DEFENDIDO PELO GOVERNO NÃO TRATA DE ADOÇÃO DE CRIANÇAS POR HOMOSSEXUAIS

União entre gays ganha apoio

Marina Oliveira

Da equipe do **Correio**

Com agências

Fernando Henrique Cardoso terminou a cerimônia de lançamento da segunda edição do Plano Nacional de Direitos Humanos abraçado com a bandeira do orgulho gay. Aprovar o projeto da parceria civil entre pessoas do mesmo sexo, entretanto, será tarefa complicada. O texto começou a tramitar na Câmara Federal há sete anos e até hoje não foi posto em votação no plenário.

O projeto é de autoria da então deputada federal pelo PT Marta Suplicy, hoje prefeita de São Paulo, e veio atender uma reivindicação antiga da comunidade homossexual. Durante a tramitação, os ativistas fizeram uma grande concessão aos conservadores na esperança de aprovar a lei. Retiraram do projeto original qualquer tipo de menção à adoção de crianças. A proposta tem por objetivo exclusivo resguardar os direitos de herança e também de divisão de patrimônio em caso

de separação.

O governo brasileiro também prometeu apoiar outras causas antigas dos gays: a permissão para mudar o registro civil de transexuais e a supressão do Código Penal Militar da palavra "pederasta".

O presidente do Movimento Gay da Bahia, Luiz Mott, aplaudiu a iniciativa, mas reclamou da omissão do termo homossexual no discurso do presidente que preferiu usar a expressão "união entre pessoas do mesmo sexo" ao se referir ao projeto de Marta Suplicy. "Ainda é um tabu para presidentes", comentou Mott, um dos primeiros dirigentes de organizações de homossexuais.

No cerimônia, Fernando Henrique recebeu o apoio de ativistas da causa gay como Welton Trindade, do grupo Estruturação. Ele entregou a bandeira com a qual Fernando Henrique pousou para fotos. Welton aproveitou para pedir: "Lute por nossa cidadania." O presidente respondeu afirmativo: "Com certeza".

BARREIRAS INVISÍVEIS

Fora dos gabinetes e dos corredores do Congresso continua a luta mais difícil da comunidade gay. Segundo números reunidos pelo Disque Denúncia Homossexual, a família e os vizinhos são os que mais resistem em aceitar uma opção sexual fora dos padrões. Augusto Andrade, funcionário do Banco do Brasil e ativista desde 1993, sofre com o preconceito que herdou dos pais. "Tenho vergonha de tocar meu companheiro em público, demonstrar afeto, no fundo porque fui criado para achar estranho o amor entre pessoas do mesmo sexo", conta.

Com a experiência de 10 anos de militância, ele observa grandes avanços no tratamento dispensado pelas instituições às causas gays. Segundo Andrade, o movimento hoje tem bom trânsito com o Ministério Público e com o Executivo. "É mais fácil tratar a questão da homossexualidade na esfera da política pública de inclusão. Difícil é lidar com o fato de um filho, irmão ou alguém querendo ser gay."

ELOGIOS E CRÍTICAS

O líder do PT na Câmara, deputado João Paulo Cunha (SP), elogiou a iniciativa do presidente Fernando Henrique Cardoso de apoiar o projeto de lei que permite a união civil entre pessoas do mesmo sexo. A matéria, de autoria da prefeita Marta Suplicy, quando era deputada federal, tramita na casa desde 1985. Atualmente, o projeto está pronto para votar, mas se encontra parado na Mesa Diretora. "Eu acho que é muito positivo ter uma posição favorável do presidente para um tema tão polêmico. Ele (FHC) teve uma postura muito positiva", disse Cunha. Mesmo assim há muita resistência à proposta, principalmente entre os deputados evangélicos e os mais conservadores, mesmo de outras religiões. "Estarei na linha de frente combatendo o governo", reagiu o deputado Severino Cavalcanti (PPB-PE), que é contra o projeto.